

CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PRÁTICA DOCENTE

JULIANA LEMES RIBEIRO¹; ALESSANDRA LONDERO ALMEIDA²; DAIANE LILGE VIEIRA³; MAIANE LIANA HASTSHBACH OURIQUE⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – ju_pel@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – alessandra_londoro@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – daianelilge@ymail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – maianehe@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

*A criança é feita de cem.
A criança tem cem mãos, cem pensamentos e cem modos de pensar, jogar
e de falar. Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem
alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir, cem
mundos para inventar, cem mundos para sonhar...*
MALAGUZZI (1997)

O poema de Loris Malaguzzi vem ao encontro da emoção sentida ao pensar na infância e na criança que conhecemos a partir do curso de Especialização - área de concentração em Educação Infantil na Universidade Federal de Pelotas. Este trabalho tem por objetivo problematizarmos visões estereotipadas sobre a infância e o lugar da criança nos contextos formativos e educativos, enfocando inquietações trazidas do campo de trabalho na educação infantil, assim como concepções discutidas no curso de Especialização em Educação – área de Educação Infantil.

Ao vivenciarmos as aulas não tínhamos noção exata do quanto isso nos transformaria enquanto professoras de educação infantil. Compreendemos que tudo que foi experienciado nos trouxe o sentido de ressignificação da prática docente, enxergando a criança como ser único. Percebemos através dela que a infância é uma construção social repleta de significados, de diferenças, de contextos transformados pela sociedade em que vivemos ao longo dos anos. Este trabalho parte, assim, da problemática da formação continuada de professores da educação infantil, identificando como este aprofundamento de saberes interfere na construção da prática pedagógica, ou seja, quais incrementos de qualidade essa formação traz a nós, professores atuantes em contextos de educação infantil? Apesar de entendermos e compreendermos as crianças como cidadãs de direitos, com capacidades infinitas de aprendizagem, com o dever de brincar e aprender de forma lúdica e prazerosa, talvez ainda não tivéssemos entendido o quanto nós – professores - estávamos também implicados ali, junto deles. Identificamos e percebemos o quanto as infâncias são diferentes em todos os lugares, sejam elas dentro de uma mesma sala de aula ou em lugares geográficos completamente diferentes. O quanto o “ser criança” tem um significado diferente para cada um e o quanto a escolarização os quer tornar alunos e pessoas iguais, em busca de um “futuro melhor”. O quanto à escola ainda padroniza seus alunos, seus professores e todos os profissionais envolvidos no processo educacional. De acordo com os

estudos e relembrando Kuhlman Jr. (1997, p. 10), que ressalta a importância das relações entre infância e crianças e nos diz que é preciso “considerar a infância como uma condição da criança, pois o conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida”. Refletimos sobre a prática pedagógica, muitas vezes questionando a importância da formação docente para aqueles que estão/lidam com as crianças todos os dias, principalmente, na educação infantil no período integral e o quanto essa formação é indispensável para a realização de um trabalho em conjunto de qualidade.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é a matriz autobiográfica, que é relativamente recente, pois surgiu na Alemanha no final do século XIX, como uma alternativa sociológica sobre o positivismo. A utilização deste método, além de colaborar com a pesquisa científica, traz novas dimensões e conhecimentos, assim como coloca o indivíduo na posição de protagonista de sua formação e do processo de reflexão. Ao olhar para nossa experiência de professoras das infâncias, recuperamos o conceito de experiência formadora de Marie Christine Joso (2004), que traz à discussão a ideia de vivência relacionada aos acontecimentos da vida dos sujeitos, mas que inúmeras vezes não são assimiladas pela consciência. É importante entender que para que uma vivência possa atingir o nível de experiência, é necessário realizar um trabalho reflexivo sobre o que aconteceu. Sendo assim, nesta perspectiva a experiência não pode ser concebida como um adorno na formação, mas, sim, uma referência - potencial que dinamiza movimentos de apreensão e avaliação de situações, como também o ganho de novos conhecimentos.

[...] saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros. (JOSO, 2004, p. 39).

E essa reconstrução acontece principalmente nos momentos de formação continuada, onde os educadores podem repensar suas práticas, trocarem conhecimentos e experiências. Mesmo que as formações exigidas ainda não sejam satisfatórias e contemplam a formação da criança em seus aspectos cognitivos, sociais e afetivos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acreditamos que as reflexões com o decorrer do curso de Especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal de Pelotas, não somente possam contribuir para a efetivação de uma Educação Infantil de qualidade, mas que possam colaborar na construção de novos modos de interação entre os profissionais pautando pelo respeito à diversidade, ao olhar a criança e a infância considerando suas especificidades e limitações, valorizando e promovendo a participação das crianças. A escola precisa valorizar as características da cultura infantil, possibilitando espaços e tempos para que elas possam interagir brincar, fantasiar e expressar-se. É preciso também ampliar os conhecimentos sobre as práticas das crianças para que se possa conseguir compreender, acompanhar e avaliar o desenvolvimento delas e a própria ação educacional. As diversas formas de

expressão das crianças, como surgem os desenhos, movimentos corporais e expressões emocionais, merecem, portanto, serem incentivadas e conhecidas com mais profundidade por parte de todos os profissionais envolvidos no processo educativo. O que pode parecer simples, mas, como visto, requer a quebra de paradigmas de uma visão de educação predominante nas salas de aulas.

4. CONCLUSÕES

Percebemos, assim, a relevância da formação continuada, pois quando somos colocados em contato com a teoria/prática, isto nos proporciona a construção de novos conhecimentos. Nessa perspectiva, as vivências em outros espaços, estão possibilitando a construção de novas formas de pensar e agir sobre o mundo que nos cerca, trazendo como decorrência transformações na visão de mundo e reflexões em relação a nossa prática docente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOSSO, M.C. Experiências de vida e formação. Lisboa: Educa, 2004.

KUHLMANN Jr., M. “Infância, história e educação”. REUNIÃO DA ANED (Sessão Especial: História da Infância e Educação), Caxambu. Mimeografado(1997).

MALAGUZZI(1997). As Cem Linguagens da Criança. Porto Alegre.

MONTADON, Cleopatre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua Inglesa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, FCC, n. p. 112, 33-60, 2001.

MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das Crianças. Educação e Sociedade, v. 26, n. 91, 485-507, 2005.